

Lucila Silva de Almeida

Interações: crianças, brincadeiras brasileiras e escola

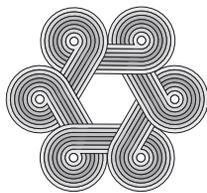
Coleção Inter**Ações**



Blucher

Coordenação:
Josca Ailine Baroukh

C O L E Ç Ã O

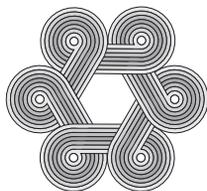


INTERAÇÕES

Interações: **crianças,** **brincadeiras brasileiras** **e escola**

Blucher

C O L E Ç Ã O



INTERAÇÕES

Lucila Silva de Almeida

Interações: crianças, brincadeiras brasileiras e escola

Josca Ailine Baroukh
COORDENADORA

Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves
ORGANIZADORA

Interações: crianças, brincadeiras brasileiras e escola

© 2012 Lucila Silva de Almeida

Editora Edgard Blücher Ltda.

Capa: Alba Mancini

Foto: Fernando Pião

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1.245, 4º andar
04531-012 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 (11) 3078-5366
editora@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quais-
quer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Ficha catalográfica

Almeida, Lucila Silva de
*Interações: crianças, brincadeiras brasileiras,
escola* / Lucila Silva de Almeida; Josca Ailine
Baroukh, coordenadora; Maria Cristina
Carapeto Lavrador Alves, organizadora. -- São
Paulo: Blucher, 2012. -- (Coleção InterAções)

Bibliografia
ISBN 978-85-212-0664-4

1. Atividades criativas 2. Brincadeiras na
educação 3. Sala de aula - Direção. I. Baroukh,
Josca Ailine. II. Alves, Maria Cristina Carapeto
Lavrador. III. Título. IV. Série

12-04396

CDD-371.397

Índices para catálogo sistemático:

1. Brincadeiras como proposta pedagógica :
Educação 371.397
2. Brincadeiras na sala de aula: Educação
371.397

À minha filha Ana Clara, com quem quero brincar bastante; ao André que me presenteou com a mais bela boneca; à minha mãe que mesmo com a correria dos afazeres de casa costurava as roupinhas das minhas bonecas alimentando minhas brincadeiras de faz de conta; ao meu pai meu eterno brincalhão; aos meus irmãos, parceiros nas brincadeiras de infância; aos meus amigos queridos e aos antigos e atuais alunos que despertam a todo instante meu desejo de brincar.

Nota sobre a autora

Lucila Almeida formou-se em Pedagogia, foi coordenadora pedagógica de CEI – Centro de Educação Infantil por 8 anos e professora de Orientação da Prática Educativa no Programa ADI Magistério (parceria entre a PMSP e a Fundação Vanzolini). Atua como professora de educação infantil na rede particular e também como formadora de professores em instituições públicas e privadas, em parceria com as prefeituras de São Paulo e São Bernardo do Campo.

Apresentação

Educar é interagir, é agir **com o outro**, o que acarreta necessariamente a transformação dos sujeitos envolvidos na convivência. Foi essa a ideia que elegemos para nomear a coleção InterAções. Acreditamos que ensinar e aprender são ações de um processo de mão dupla entre sujeitos, que só terá significado e valor quando alunos e professores estiverem questionando, refletindo, refazendo, ouvindo, falando, agindo, observando, acolhendo e crescendo juntos.

Com base nessa premissa, convidamos autores e professores. Professores que conhecem o chão da sala de aula, que passam pelas angústias das escolhas para qualificar as aprendizagens das crianças, seus alunos. Professores que, em sua grande maioria, também são coordenadores de formação de grupos de professores, conversam com professores e, portanto, conhecem o que os aflige.

A esses autores, pedimos que estabelecessem um diálogo escrito sobre temas inquietantes em suas áreas de atuação. Temas que geram muitas dúvidas sobre o que, como e quando ensinar e avaliar. Temas recorrentes que, se abordados do ponto de vista de novos paradigmas educacionais, podem contribuir para a ação, reflexão e inovação das práticas de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.

Apresentamos nesta coleção situações de interação entre professores e crianças: exemplos, sugestões pedagógicas e reflexões. Pontos de partida para o professor repensar sua prática e proporcionar a seus alunos oportunidades de se sentirem e serem protagonistas de suas aprendizagens. Acreditamos ser importante que o professor questione sua rotina e construa um olhar apurado sobre as relações cotidianas. Estranhar o natural

estimula a criatividade, a inovação, o agir. E assim, é possível ir além do que já se propôs no ensino desses temas até o momento.

Nosso intuito é compartilhar as descobertas geradas pelo movimento de pesquisa, reflexão e organização do conhecimento na escrita dos autores. E proporcionar ao professor leitor a experiência de um “olhar estrangeiro”, de viajante que se deslumbra com tudo e que guarda em sua memória os momentos marcantes, que passam a fazer parte dele. Queremos animar em nosso leitor a escuta atenta e estimular suas competências técnicas, estéticas, éticas e políticas, como tão bem explica Terezinha Azeredo Rios.

Em meio às dificuldades de ser professor na contemporaneidade, os profissionais da educação persistem na criação de planejamentos e ações que promovam as aprendizagens de seus alunos. Aos desafios, eles apresentam opções e são criativos. É para esses profissionais, professores brasileiros, e para seus alunos, que dedicamos nossa coleção.

Boa leitura!

Josca Ailine Baroukh

Sumário

Introdução	13
1 O que querem as crianças: brinquedo ou brincadeira?	17
Infância e brincar	17
Diferentes brincadeiras e brincadeiras culturais	20
Brinquedo e brincadeira	27
Importância da brincadeira na infância (cultura da infância)	35
2 Inteira ação... Para que a brincadeira aconteça.	39
O lugar da brincadeira nas creches e escolas de educação infantil:	39
O papel do professor: o que fazer? por que fazer? como fazer?	51
Alimentando o brincar por outras culturas e as brincadeiras tradicionais da infância	63

3	Brincadeiras da Cultura Brasileira	69
	Brincadeiras para bebês: brincos e cantigas simples...	71
	Brincadeiras para crianças de dois e três anos:.....	88
	Brincos mais longos	95
	Brincadeiras para crianças de quatro e cinco anos:	117
4	Em poucas palavras...	139
	A criança brinca para entender o mundo	139
	Referências Bibliograficas.....	145

Introdução

Quando for grande, não quero ser médico, engenheiro ou professor.
Não quero trabalhar de manhã à noite, seja no que for. Quero brincar
de manhã à noite, seja com o que for. Quando for grande, quero ser um
brincador.

Álvaro Magalhães

Antes da existência da televisão, as crianças se reuniam para brincar no fim da tarde, enquanto seus pais conversavam na calçada. Mesmo no início de seu advento, quando apenas poucas pessoas tinham acesso a aparelhos de TV, as famílias se reuniam em uma única casa para assistir, enquanto as crianças ficavam nos quintais brincando com os seus vizinhos.

Lembro-me de que uma das minhas maiores alegrias de infância era quando acabava a luz e, não tendo o que assistir, as pessoas iam para as ruas. Nós ficávamos na maior euforia, pois a brincadeira era certa! Hoje, pelo contrário, quando a eletricidade acaba, ficamos desesperados, como se tivessem tirado nosso chão.

Ultimamente, estamos cada vez mais próximos dessa “caixinha”, muitas vezes separados, cada um em seu quarto e isolados por esse aparelho. O mesmo também acontece com o uso do computador e da internet.

Pela televisão as crianças conhecem muitos dos brinquedos que passam a desejar e pedir aos pais. No entanto, muitas vezes, apenas os acumulam como mais uma conquista, brincando com eles algumas vezes e desprezando-os logo que adquirem os próximos lançamentos.

Na verdade, não é a televisão a grande vilã e sim o uso que fazemos dela que nos afasta das relações sociais. Como as crianças gostam muito de assistir a filmes e desenhos animados, deixamos que passem muito tempo vendo a mesma programação.

Outra oportunidade de as crianças se reunirem e conviverem eram as festas de aniversários que aconteciam em suas casas, momento em que adoravam fazer brincadeiras antes e depois de o bolo ser cortado. Atualmente, é cada vez mais frequente a realização de festas de aniversários em grandes bufês, espaços em que as crianças exploram brinquedos gigantescos, animados por monitores, e a brincadeira, momento de interação com o outro e de descoberta, muitas vezes não acontece. A experiência provocada pela brincadeira perde espaço para o excesso de brinquedos.

Antigamente, as pessoas não destinavam tanto tempo ao trabalho e aos afazeres; havia um tempo de repouso, de lazer, momentos de encontros e interação, e, por isso, podiam dedicar-se por mais tempo ao brincar. As crianças iam para a escola em um período e passavam o outro brincando com seus brinquedos, vizinhos e colegas. Atualmente, nossas crianças estão ficando cada vez mais sem tempo: saem da escola, vão para natação, inglês, tênis, dança, compromissos sociais, pois sempre queremos que aprendam mais alguma coisa, para serem bem-sucedidos quando crescerem. E o momento do brincar é relegado ao curto tempo que sobra entre uma atividade e outra.

Vivemos em um tempo em que as brincadeiras que aconteciam em espaços de convivência como ruas, praças, em frente às igrejas e que favoreciam a transmissão da cultura da infância pelas crianças já não existem mais.

A escola é hoje um dos únicos espaços em que as crianças se reúnem e, portanto, é local privilegiado para que a brincadeira aconteça. No entanto, quando esse é o assunto de discussões entre os professores, muitas vezes, nos pegamos apenas reclamando da falta de brinquedos em nossa instituição, seja ela pública ou particular. Em muitos casos, também reivindicamos a construção de salas de jogos ou brinquedotecas, como se o brinquedo por si só ou um espaço físico reservado para esses brinquedos agissem sozinhos e fossem os únicos elementos necessários para que a brincadeira exista. A queixa geralmente está atrelada ao material e raramente ao planejamento de ações que favoreçam o brincar.

O que querem as crianças: brinquedo ou brincadeira? Responder a essa pergunta não é o propósito deste livro, mas sim refletir

sobre a importância das brincadeiras na vida das crianças e, portanto, nas instituições escolares, pelo valor educativo que elas trazem ao ampliar os conhecimentos infantis.

As brincadeiras ajudam as crianças na aprendizagem das diversas linguagens, possibilitam a ampliação de narrativas, do discurso oral, da comunicação; por meio delas, conhecem seu próprio corpo, seus limites e possibilidades. Ao mesmo tempo, as brincadeiras permitem generalizações e tomadas de consciência, que ocorrem quando as crianças desempenham papéis diferenciados, manipulam objetos, aprendem sobre regras de convivência e a respeitá-las, podendo conhecer mais sobre o outro e a si mesmos.

Não quero aqui, em nenhum momento, fazer campanha contra o brinquedo. Pelo contrário, sei de sua importância para o brincar e o quanto se faz necessário ter cada vez mais brinquedos de boa qualidade em nossas instituições para apoiar o faz-de-conta, os jogos e os diversos momentos de brincadeira. O que defendo é que as crianças querem, e nos pedem, muito mais situações de brincadeiras, com adultos presentes que observam, participam, registram e propõem novas e desafiantes situações de brincar. As crianças precisam de espaços e tempos garantidos para que a brincadeira aconteça, querem conhecer brincadeiras de nossa cultura pelo simples prazer de dar as mãos aos colegas e, embaladas por uma cantiga, participar de um pega-pega ou imitar gestos.

É preciso dizer que, além de ser prazeroso para as crianças, também é importante que sintamos um imenso prazer em “acordar” a prática de brincadeiras, especialmente aquelas da cultura da infância que vêm se perdendo nos tempos atuais, quando já não podemos brincar nas ruas. Acreditamos que, por ser a escola um dos únicos espaços em que as crianças se reúnem, o papel do professor como representante da cultura é de suma importância para que nosso patrimônio, esse espaço de constituição do sujeito, seja permitido e perpetuado nas ações das crianças.

Portanto...

Vamos brincar!



1 O que querem as crianças: brinquedo ou brincadeira?

Infância e brincar

“Você só é jovem uma vez, mas isto pode durar uma vida inteira.”

*Vik Muniz*¹

Para falar de brincadeiras, de brinquedos e do brincar gostaria de começar pelo grande mote que nos inspira para esta “conversa” que é a criança, que tem uma natureza singular, que tem seu jeito próprio de ver o mundo e de maneira bem peculiar procura entendê-lo; criança que tem sentimentos, desejos e que, à conforme estabelece interações com outras crianças e com os adultos, revela o que compreende deste mundo; criança que não é cidadão do futuro e sim do presente, que é também cientista na medida em que sua curiosidade a ajuda a levantar hipóteses, a fazer investigações, a pensar em novas estratégias e a fazer novas descobertas, que tem suas especificidades, que também é ator ou atriz, não é mera coadjuvante e sim protagonista de suas ações; uma criança que usufrui da cultura e do meio social em que está inserida e que também produz cultura.

¹ Artista plástico brasileiro.

Ao brincar, as crianças descobrem o mundo, vivenciando regras, experimentando diferentes ações, como decidir, escolher, comandar, produzir com os amigos, perder ou ganhar. Tudo isso promove também o crescimento emocional e social.

Brincar dá asas à imaginação, que não tem hora e lugar para acontecer, que é gratuito e fonte inesgotável de prazer. Brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois desse modo desenvolve as capacidades de imitação, atenção, memória, imaginação, socialização e integração.

Primeiras brincadeiras da mãe com a criança



Brincadeira entre mãe e bebê

Fonte: Arquivo pessoal da autora

As crianças não nascem sabendo brincar: é na relação com os outros que elas vão constituindo esse entendimento. É na interação com a mãe, a primeira parceira da criança, que descobrem as primeiras brincadeiras, como a de se esconder com a roupa da criança antes de vesti-la para causar risos, os jogos de onomatopeias para acalmar o bebê enquanto o troca, uma cantiga para acalotá-lo, nos “galopes” que a mãe faz com a criança ainda pequena em seu colo para ser retribuída com sorrisos. É por meio dessas interações que a criança começa a entender o brincar como uma forma de linguagem.

“Brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem” (BROUGÉ-RE, 1998).

Nenhuma criança brinca só para passar o tempo. Quando brinca, ela o faz sempre por um desejo de compreender e reconstruir o mundo. Nesse esforço, as crianças constroem conhecimentos sobre a realidade e vão se percebendo como indivíduos singulares perante os outros, constituindo-se como um EU diferente dos outros, ou seja, constituindo sua subjetividade, sua maneira de agir, sentir e pensar.

A capacidade de brincar descortina uma gama de pesquisas e de descobertas para a criança, de investigação e decifração das perguntas que tem sobre o mundo. É uma linguagem de pleno movimento de corpo e mente, e também de quietude. Uma linguagem que tem jeito próprio de se comunicar e que, muitas vezes, não é compreendida pelos adultos, que há muito deixaram de “falar” com o corpo desse modo. Mas, mesmo sem ser entendido, o brincar precisa ser respeitado.

Quando brincam, as crianças estimulam os sentidos, exploram seu corpo adquirindo gradativamente domínio sobre ele, desenvolvem a oralidade, coordenam pensamento e ações, reelaboram hipóteses e informações, ampliam suas potencialidades, desenvolvem a imaginação e o pensamento, aprendem sobre as regras e a respeitá-las, exercem papéis diferenciados ora sendo heróis ora mocinhos e, acima de tudo, sentem prazer.

Para que as crianças brinquem, é imprescindível que não sejam impedidas de exercitar sua imaginação, pois é ela que permite relacionem seus interesses e suas necessidades com a realidade de um mundo que pouco conhecem. É um meio que usam para interagir com o universo dos adultos, e que só paulatinamente poderão compreender.

Para entender o brincar e a infância, é preciso voltar à infância, revisitá-la, abrir as gavetas da memória e observá-la como quem observa uma preciosidade, olhar com atenção, com lente

de aumento, para ver o máximo de detalhes. Além disso, é preciso ter a inquietude das crianças, é necessário ver as crianças brincando e não só entregar-lhes um brinquedo enquanto arrumamos os armários ou preparamos algo.

Peço licença a Vik Muniz para completar sua citação com a fala de minha sobrinha que ao, ler a frase “Você só é jovem uma vez, mas isso pode durar uma vida inteira”, completou: “*É claro, né tia? É só ter a cabeça de jovem!*”. Em sua sabedoria, ela está nos dizendo que só somos criança uma vez, mas isso pode durar uma vida inteira, é só mantermos vivos a menina ou o menino que há em nós, na sua inteireza, na sua simplicidade, no seu encanto e seu deslumbramento, na sua capacidade de recriar objetos, de inventar falas para as bonecas mudas, de dar potência ao carinho mais simples ou de tornar-se um campeão de futebol com sua bola de plástico.

Diferentes brincadeiras e brincadeiras culturais



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Conforme se desenvolvem, as crianças adquirem diferentes habilidades e competências em suas brincadeiras. Ao nascerem, são inseridas na brincadeira pelos adultos; em geral, as mães. “Não tem sentido afirmar que uma criança de poucos dias, ou de algumas semanas, brinca por iniciativa própria. É o adulto que, como destaca Wallon, por metáfora, batizou de brincadeira todos os comportamentos de descoberta da criança” (BROUGÈRE -1997).

Nos dois primeiros anos, a criança brinca pela simples satisfação de **exploração**: ela explora cores, texturas, sons, formatos; quer pegar as coisas, colocá-las na boca, jogá-las no chão e tornar a pegar. Vibra com os chocalhos, brinquedos e objetos que emitem sons. Encanta-se visualmente com os móveis, objetos coloridos, colares, tecidos. Exploram o tato com diferentes texturas e formas e, assim, vai conhecendo um pouco do mundo.

Em seguida, as crianças passam aos **jogos de repetição** de ações exclusivamente físicas, como jogar um brinquedo no chão só para sorrir ou causar sorrisos, esconder-se repetidas vezes, sacudir um objeto, pular, correr.

Por volta dos dois anos já conseguem encaixar peças e objetos, montar e desmontar, empilhar, derrubar, entre outras ações, explorando os brinquedos com mais intencionalidade.

Enquanto brinca, seu conhecimento do mundo se amplia, assim como suas condições de pensamento. A criança começa a fazer de conta que é um animal, um príncipe, uma mãe, a irmã de determinada idade. É quando têm início as brincadeiras em que as crianças fantasiam, simbolizam, chamadas de **jogo simbólico ou faz de conta**, momento em que começam a criar situações imaginárias e em que se comportam como se estivessem agindo no mundo dos adultos. Essa brincadeira se inicia por volta dos dois anos ainda de maneira sutil, quando a criança apenas faz algumas ações imitando seu cotidiano, como cantar parabéns para um bolo de areia, ninar uma boneca, dirigir um ônibus organizado por cadeira. O faz de conta toma corpo por volta dos quatro anos, momento em que, diante de uma ação mental mais elaborada, começa a planejar suas brincadeiras. Muitas vezes, passa mais tempo planejando e organizando o espaço e os brinquedos do que

na própria brincadeira em si. O faz de conta passa a ser um momento de elaboração de pensamento, de diálogo consigo (preciso pensar e, quando penso, dialogo com o meu pensamento), com os colegas colocando suas opiniões e escutando as do grupo e até mesmo com seus brinquedos.



Brincadeira de faz de conta
Fonte: Arquivo pessoal da autora

Por meio do faz de conta, as crianças podem exercitar sua imaginação e se permitir criar personagens ainda não imaginados pelo outro. Podem ser bruxas ou princesas, heróis ou vilões, podem, também ser a mesma princesa escolhida pela amiga, ou o pirata mais poderoso, mesmo quando o colega já escolheu ser.

Conforme crescem, os blocos de montar e de encaixe deixam de ser apenas peças para empilhar e derrubar individualmente e passam a ser utilizados na construção de pontes, casas, prédios e

idades também em companhia de outras crianças. É o início dos **jogos de construção**.

De maneira gradativa, entre três e sete anos, as crianças começam a participar dos **jogos com regras**, nos quais precisam respeitar regras de convivência e as regras da brincadeira, seja nos jogos com regras como em um pega-pega ou cabra cega, em jogos de tabuleiro ou em brincadeiras cantadas, como corre cutia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Paralelos a esses jogos e brincadeiras, estão também os jogos tradicionais infantis, ou, como prefiro chamar, as Brincadeiras da Cultura da Infância. São aquelas brincadeiras que não têm origem definida, herdadas de diferentes gerações e transmitidas oralmente; aquelas passadas de pai para filho, de irmãos e colegas mais velhos para os parceiros menores.

Podemos citar aqui várias dessas brincadeiras: o famoso “Dois ou Um”; as amarelinhas, também chamadas de pula macaco em

algumas regiões; as pernas de pau ou pé de lata; os bilboquês; as bolinhas de gude ou as chamadas brincadeiras cantadas, que trazem sempre uma melodia.

Fórmula de escolha

Fórmula de escolha é uma parlenda usada quando é necessário eleger uma criança para ser o pegador, dirigente de uma brincadeira ou posições na brincadeira de modo pacífico e sem conflitos.²

Assim que o grupo fala ‘dois ou um’, todos mostram, ao mesmo tempo, um ou dois dedos. Todos os que colocam um número de dedos diferente da maioria são eliminados.

Deve-se tirar ‘dois ou um’ até sobraarem apenas duas crianças. Elas decidem quem vence no par ou ímpar. ■

O que está em questão em relação à diversidade de jogos e brincadeiras não é em nenhum momento dizer que um ou o outro é o mais importante para criança, mas que todos são situações primordiais para a constituição da criança como sujeito pela experiência que promovem (Figura 1.5), como Walter Benjamin sabiamente disse entre 1913 e 1932:

“Um tal estudo teria, por fim, de examinar a grande lei que, acima de todas as regras e ritmos particulares, rege a totalidade do mundo dos jogos: a lei da repetição. Sabemos que para a criança ela é a alma do jogo; que nada a torna mais feliz do que o ‘mais uma vez’...

...E, de fato, toda e qualquer experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o final de todas as coisas, repetição e retorno, restabelecimento da situação primordial da qual ela tomou o impulso inicial.

² <www.mapadobrinca.com.br>, acesso em 09/03/2012.

Para ela, porém, não bastam duas vezes, mas sim sempre de novo, centenas de milhares de vezes. Não se trata apenas de um caminho para assenhorar-se de terríveis experiências primordiais mediante o embotamento, conjuro maligno ou paródia, mas também de saborear, sempre de novo e da maneira mais intensa, os triunfos e as vitórias.

... A essência do brincar não é um 'fazer como se', mas um 'fazer sempre de novo', transformação da experiência mais comovente em hábito.

Pois é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto de maneira lúdica, com o acompanhamento do ritmo de versinhos. O hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira". (Benjamin, 2002)



O tema brincadeiras é de fato muito vasto e, devido à sua amplitude, falarei mais detalhadamente neste livro apenas das brincadeiras culturais cantadas, aquelas de nossa infância, presentes até hoje em nossas lembranças.

Quem de nós, ao vasculhar o baú de lembranças e as memórias do tempo de criança, não se recorda de uma cantiga de roda ou acalanto, ou daquelas brincadeiras cantadas que sugeriam ações?

Por meio das brincadeiras da Cultura da Infância temos a oportunidade de proporcionar às crianças a possibilidade de viver sua própria cultura e modo de ser, inserir-se na cultura de sua família, de sua comunidade. No entanto, é cada vez maior o distanciamento dessas brincadeiras do universo infantil. As escolas brasileiras acabam não as apresentando como parte importante da nossa cultura. Enquanto algumas escolas bilíngues já reservam um espaço para a cultura brasileira, as próprias escolas brasileiras, presas aos seus conteúdos “formais”, não permitem que a cultura infantil brasileira seja alimentada e mantida entre nossas crianças.

Muitas vezes, na busca por “novidades”, acabamos por esquecer aquilo de maior essência em nossa infância e dizemos que as crianças não gostam mais dessas brincadeiras e que estão ultrapassadas, quando, na verdade, ninguém as apresentou para que se encantassem. É preciso ensiná-las às crianças, não pelo simples saudosismo, mas para as introduzirmos na nossa cultura, nossa essência, nossa história.

Há também uma enorme tendência a utilizar exercícios que trabalhem a coordenação motora, os movimentos, mas que não trazem nenhuma melodia. É preciso que a brincadeira e suas melodias sejam devolvidas às crianças, herdeiras por direito dessas músicas e desse cantar.

Cabe a nós trazeremos essas músicas para a sala de aula, apresentando também as cantigas que seus pais e avós cantavam quando crianças.

Nas brincadeiras culturais cantadas, além de conhecer e vivenciar a cultura tradicional, as crianças podem viver a musicalidade com o corpo e a maravilha da diferença, pois, podem de-

liciar-se com a melodia e até apreciar algo diferente do escutado nos rádios, que geralmente trazem um mesmo ritmo. Ampliar o repertório de canções, ritmos e melodias é tarefa da escola e do professor.

Eleger brincadeiras do repertório cultural brasileiro é, acima de tudo, fincar raízes no nosso país, garantindo que as transmissões orais não se percam no meio do mundo moderno.

Brinquedo e brincadeira

Ao falarmos de brinquedo e brincadeira, logo nos remetemos à nossa infância, momento em que geralmente nos recordamos das brincadeiras, dos colegas que participavam conosco e dos brinquedos que eram ou não usados:

“A minha primeira lembrança da infância é de como eu gostava de brincar na rua. Meus amiguinhos eram meninos. Eu brincava de pega-pega, mãe da rua, de bola... Às vezes brincava de bonecas, quando ganhava alguma, mas logo guardava, pois minha preferência eram as brincadeiras de agilidade. Lembro-me também de quando acabava a energia elétrica, ou quando chovia. Eu e meus irmãos brincávamos dentro de casa de cabaninha”

Arlete dos Santos – auxiliar em educação.

“Eu brinquei muito com meus irmãos. A primeira lembrança que me vem à cabeça é quando minha mãe passava cera vermelha no chão e nós, meus irmãos e eu, dávamos brilho em toda casa: um sentava no pano de chão e outro puxava, ou dançávamos com o pano embaixo dos pés. Ao cansarmos, o chão estava brilhando e nós estávamos exaustos e felizes”.

Edinalva Alves da Costa – auxiliar em educação.

“Adorava quando meu pai me virava de cambalhota no ar e me fazia ficar como estátua, me levantando até a viga do teto da cozinha”.

Maria Cecília Zoboli Tanikawa – professora.

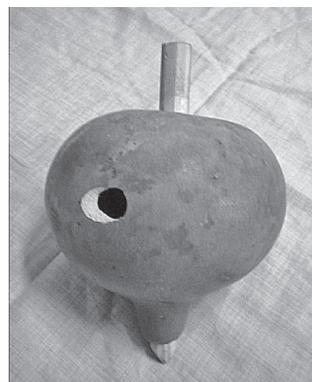
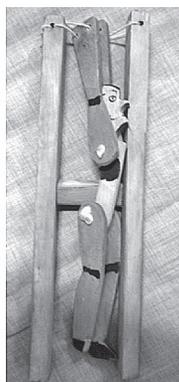
“Fui uma criança muito feliz nessa fase da vida. Tive uma infância maravilhosa: brincava de boneca e casinha todos os dias, fazia roupinhas para as bonecas, brincava de pular corda, cordão, jogava bola, andava de bicicleta, brincava de roda e de passa anel. Mas, o que mais me marcou foi quando aprendi a fazer bolo brincando, minhas amigas e eu, juntas, fomos fazer um aniversário da minha sobrinha, aí nos decidimos fazer nós mesmas o bolo. Cada uma de nós levou um ingrediente de casa. Foi engraçado, o bolo não ficou fofo, mas ficou gostoso. E, depois disso, nos reunimos todos os domingos para brincar de fazer “guisado”, nome que dávamos à brincadeira de fazer comida no fogão à lenha que nós mesmas fazíamos”

Maria Josilene Arruda – auxiliar de limpeza

Nossa relação com o brinquedo começa logo ao nascermos, quando recebemos nossos primeiros brinquedos, os chocalhos, os bonecos de pano, os móveis que o bebê tenta agarrar com as mãos e com os pés e, com isso, começa a aprender a brincar.

Ao falar em brinquedo, o que logo nos vem à mente são nossos brinquedos de infância, aqueles que nos dão saudade: resta um, pega varetas, corda, a boneca da época, entre tantos outros. Isso porque a criança estabelece uma relação íntima com o brinquedo, que se apresenta tanto como aquilo que motiva a agir, como algo que proporciona prazer.





Fonte: Arquivo pessoal da autora

O brinquedo, muitas vezes, consegue provocar todos os nossos sentidos: tem cheiro, nos leva à experiência do tato, é atrativo visualmente. Não me refiro aqui aos brinquedos criados especialmente para contribuir com a visualidade, mas nos tantos estímulos visuais em que neles estão contidos. Também transmitem ou provocam sons enquanto brincamos, e não vamos nos esquecer do paladar, o gosto, seja do material de que é feito ou da sensação que provoca na boca.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

“Os brinquedos podem ser definidos de duas maneiras: seja em relação à brincadeira, seja em relação a uma representação social. No primeiro caso, o brinquedo é aquilo que é utilizado como suporte numa brincadeira; pode ser um objeto manufaturado, um objeto fabricado por aquele que brinca, uma sucata, efêmera, que só tenha valor para o tempo da brincadeira, um objeto adaptado. Tudo, nesse sentido, pode se tornar um brinquedo e o sentido de objeto lúdico só lhe é dado por aquele que brinca enquanto a

brincadeira perdura. No segundo caso, o brinquedo é um objeto industrial ou artesanal, reconhecido como tal pelo consumidor em potencial, em função de traços intrínsecos (aspectos, função) e do lugar que lhe é destinado no sistema social de distribuição dos objetos. Quer seja ou não utilizado numa situação de brincadeira, ele conserva seu caráter de brinquedo, e pela mesma razão é destinado à criança” (BROUGÈRE, 1997).

Segundo Vygostsk o brinquedo é para a criança uma maneira ilusória de realizar desejos impossíveis. Um grande exemplo são os *video games*, os cavalos de pau, as bonecas ou os carrinhos de controle remoto.

Os objetos do dia a dia se transformam em brinquedos nas mãos da criança, mas eles só recebem outros significados durante a brincadeira, é ela que vai alterá-los. A criança usa critérios para suas escolhas: uma tampa de lata pode ser um volante ou um pratinho na brincadeira de casinha; uma escova de cabelo pode ser um microfone; uma caneta, uma varinha mágica; um colar pode ser uma cobra; um pano enrolado pode ser um bebê ou um lindo cabelo, se colocado na cabeça. É necessário que haja certa sintonia entre o objeto e a função que vai desempenhar, uma semelhança entre ele e o que vai representar. Por isso, uma cadeira jamais poderá ser uma boneca ou um botão, ser um revólver.

A representação é uma das formas de apropriação da cultura. Nela exige-se uma elaboração mental que marca a existência humana e, nesse sentido, o brincar, aliado a outras linguagens como o desenho, a linguagem verbal e a corporal, insere a criança na cultura e permite que ela não só se aproprie da cultura como também a produza.

Pensemos em uma festa: passamos muito tempo organizando os preparativos, sonhando e pensando em como será, o que iremos fazer... Essa atividade mental provoca nossa imaginação, a qualidade de fazer antecipações, de se planejar e é essencial para nosso aprendizado.

Com a imaginação, os objetos criam vida. Por meio deles, as crianças são capazes de realizar desejos e experimentar ações nas quais veem os adultos envolvidos, como alimentar as bonecas, ser a princesa ou o herói, por isso são tão especiais e únicos. Eles integram a brincadeira de faz de conta. Servem como cenário e figurino, quando não são os próprios protagonistas da conhecida frase: “Agora eu era...”.



Com a imaginação, os objetos criam vida.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na brincadeira, o que mais importa é a ação, o processo e não os resultados. É no processo vivido que as crianças podem se descobrir, investigar e pensar sobre o mundo; lidar com sentimentos como tristeza e alegria, medo, frio na barriga, coragem; experimentar sensações como o suor que escorre após uma corrida ou a aceleração de seus batimentos cardíacos.

A brincadeira depende dos contextos culturais e sociais em que a criança está inserida, de imaginação, de vivências, de te-

mas, circunstâncias espaciais e tempo suficiente para que se aproprie desta experiência.

As crianças brincam de acordo com o que vivenciam e conhecem do mundo. A brincadeira é permeada e influenciada pela cultura de cada região e de cada família. Uma mesma boneca, por exemplo, proporciona diferentes brincadeiras a crianças que vivem na praia ou no interior, em meio urbano ou rural, pode ser usada diferentemente por meninos e meninas e estará carregada dos sentidos e significados de cada família, de cada criança.

“A consideração das crianças como actores sociais de pleno direito, e não como menores ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade simbólica por parte das crianças e a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas.” (SARMENTO, 1997, p.20)

Essa concepção de criança deixa claro que, enquanto ser único com identidade e subjetividade próprias, ela produz culturas únicas, diferentes, em diversos ritmos, de diferentes formas. Assim, as crianças não produzem apenas uma cultura infantil, mas **culturas infantis**.

Dentre as inúmeras possibilidades de produzir cultura, um dos meios mais presentes na vida da criança é o brincar. É brincando que a criança recria o que entende do mundo e o transforma em cultura lúdica.

Segundo Brougère (2004), “A cultura lúdica é, antes de tudo, um conjunto de procedimentos que permite tornar o jogo possível e é composta de um certo número de esquemas que possibilita iniciar a brincadeira, já que se trata de produzir uma realidade diferente daquela da vida quotidiana.

A cultura lúdica não está isolada da cultura geral, ela se apodera de elementos da cultura do meio ambiente da criança para aclimatá-la ao jogo.”

As brincadeiras fazem parte do patrimônio lúdico de uma cultura, traduzindo valores, costumes, forma de pensamentos e aprendizagens. Os jogos e as brincadeiras fornecem à criança a possibilidade de ser um sujeito ativo, construtor do seu próprio conhecimento, alcançando progressivos graus de autonomia frente às estimulações de seu ambiente.

Durante as brincadeiras, as crianças podem conviver com diferentes sentimentos, sensações, expressões, com as diversas maneiras de ser e agir de cada participante, atuam e encontram formas de compreender o mundo, de realizar ações que as ajudam a entender as pessoas, das relações com os outros.

“A brincadeira é uma atividade que se distingue das outras no sentido de que não deve ser considerada de modo literal. Nela se faz de conta, ou melhor, o que se faz só tem sentido e valor num espaço e em um tempo delimitado.”
(Brougère, 2004)

É preciso ter presente a ideia de que a pessoa é sempre uma unidade, de que a divisão entre corpo e mente é um constructo do Iluminismo. Assim, é possível reconhecer as diversas aprendizagens que a brincadeira suscita: promove o movimento, além da interação, socialização, estímulo dos sentidos, aquisição de novas habilidades, entre outros.

Brincar, seja de faz de conta, com jogos de construção ou de roda, é uma linguagem importante que as crianças utilizam para compreender e fazer parte do mundo. Uma linguagem em que o movimento, a oralidade e a imaginação se encontram.

Importância da brincadeira na infância (cultura da infância)

“Toda criança que brinca se comporta como um poeta, pelo fato de criar um mundo só seu, ou, mais exatamente, por transpor as coisas do mundo em que vive para um universo novo em acordo com suas conveniências.”

Sigmund Freud

Há muito tempo existe um discurso pedagógico sobre a importância do brincar como algo relevante para a criança. No entanto, ainda é comum existirem equívocos quanto ao seu entendimento como fonte inesgotável de aprendizagens e, por isso, muitas vezes procura-se formatá-lo como instrumento de ensino, deixando de lado o mais importante da brincadeira: ser uma atividade sem um fim específico, com prazer em si só. Um exemplo disso é o uso de jogos com regras – como os de memória, bingo, entre outros – para se ensinar algo, onde prazer de jogar e estar entre amigos acaba em segundo plano, às vezes inexistente. Há um grande desejo dos adultos de que as crianças memorizem números, letras, saibam fazer antecipações e contar, que a essência do brincar acaba desaparecendo.

Em muitas instituições de educação infantil, os brinquedos ficam expostos como decoração, deixando de servir como suporte para aprendizagens e descobertas das crianças. Há caixas com *kits* para brincadeiras de faz de conta impecáveis, mas estão geralmente no alto, longe do alcance das crianças. E, quando as crianças podem usá-los, muitas vezes, o brincar acontece de maneira conduzida: “agora faz assim, segura a boneca deste jeito”, “este brinquedo se usa assim...”. E os brinquedos novos, quando existem, ficam guardados nos armários para evitar que sejam estragados, perdendo sua função.

Ter um amontoado de brinquedos não é garantia de que o brincar aconteça. Nem sempre precisamos de brinquedos, mas de imaginação. Imaginamos a montaria no cavalo, a construção de um prédio, a escalada da montanha, a entrada triunfal em um castelo, o leite de nossa boneca ou a fuga de uma bruxa.



Ter um amontoado de brinquedos não é garantia de que o brincar aconteça.
Fonte: Arquivo pessoal da autora

“O brinquedo parece ser um dos meios de introduzir a brincadeira, de construir esse espaço do segundo grau, do faz de conta, mas também de caráter frívolo. E não se pode esquecer que ele envolve, para se tornar objeto da brincadeira (e não simplesmente do ambiente), a decisão da criança de brincar.

Efetivamente, o brinquedo não pode impor-se na brincadeira sem essa decisão de quem brinca de interagir com ele. Esse é o primeiro traço da dinâmica de quem brinca. Um brinquedo não pode brincar sozinho, como uma televisão pode transmitir imagens mesmo quando o espectador não olha para ela. É preciso que um ‘brincador’ em potencial o solicite, eventualmente o explore para descobrir o que pode fazer com ele”. (Brougère, 2004)

A brincadeira é considerada uma atividade de segundo grau, pois não é uma atividade na vida comum, que utiliza subsídios da vida cotidiana. A criança não é um pirata, apenas faz de conta que é, ela não constrói prédios, mas os representa por meio dos brinquedos.

Quem é que nunca foi surpreendido por crianças que deliram com as caixas e embalagens de presentes que acabam de ganhar, muito mais do que com o brinquedo em si? Para a criança pequena atribuir sentido a um objeto, é necessário que ele possa desempenhar alguma função no ato de brincar.

Na correria do dia a dia, com as demandas das outras áreas de ensino, muitas vezes, o professor acaba regrido o brincar, delimitando espaços e até horários, apenas em função de objetivos pedagógicos. E brincar passa a ter dia marcado: *“Hoje é dia do brinquedo!”*, *“Sexta é o dia predileto dela na creche porque ela pode levar brinquedo”*.

É preciso garantir tempo e espaço para a brincadeira na escola, não com prêmio de bom comportamento: *“Só vai brincar quem se comportou”*, mas porque o lúdico suscita, desperta, é condição do humano.

A brincadeira é importante porque, além de ser uma linguagem, é forte aliada da construção do pensamento, da aprendizagem. Contribui para a ampliação dos movimentos, gestos e falas das crianças, favorece a interação, a construção e a perpetuação da cultura.

Brincando as crianças não só conhecem a cultura em que vivem, como também produzem culturas infantis. Para constatá-lo é só observar como uma mesma brincadeira pode ser diferente em diversas regiões ou o quanto as crianças modificam e atualizam constantemente seu jeito de brincar, tanto com os brinquedos que utilizam, como na maneira em que participam da brincadeira.

A escola é um espaço de diferentes crianças, cada uma com as suas especificidades, subjetividade e identidade e, portanto, vindas de culturas familiares diferentes. A escola é espaço de diversidade. É brincando na escola que as crianças podem descobrir a maravilha da diferença! ■